

KAKAZU, Lúcia Yumiko. **Uma perspectiva ética no teatro danzante de Elias Cohen**. São Paulo: Universidade de São Paulo. PPGAC - ECA/USP; Atriz e Bailarina, Mestranda, Estudante Associada.

RESUMO: A pesquisa apresentada se debruça sobre a prática do encenador e coreógrafo, Elias Cohen, que tem realizado obras proeminentes no panorama das artes cênicas do Chile e contribuído para a construção de novas epistemologias do corpo na América Latina. Formado em biologia do conhecimento e influenciado pelas teorias do biólogo, Francisco Varela, investiga dança e teatro aliados à pesquisa em neurociências. O trabalho mostra que é a partir do entendimento de que a mente é encarnada em um corpo e co-emergente na ação que podemos ter um olhar mais amplo sobre a poética desse artista, tomando-a dentro de uma perspectiva ética, dissidente e política, assumindo um ponto de vista ecológico de saberes e sustentando um posicionamento "Enativo" em relação a vida. A pesquisa teve início em 2018, dentro do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo e do grupo de Investigação Território de Estudos Indisciplinares em Artes - TEIA.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro. Embodiment. Enação. Ética.

An ethical perspective on Elias Cohen's danzante theatre

ABSTRACT: The research presented focuses on the practice of the director and choreographer, Elias Cohen, Who has been making outstanding works in the scenic arts panorama of Chile and has contributed to the construction of new epistemologies of the body in Latin America. Graduated in biology of knowledge and influenced by the theories of the biologist Francisco Varela, He investigates dance and theater allied to research in neurosciences. The work shows that it is from the understanding that the mind is embodied in a body and co-emerging in the action that we can have a broader look at the poetics of this artist, inside of the anethical, dissident and political perspective, assuming na ecological point of view of knowledge and sustaining an "Enative" position in relation to life. The research started in 2018, within the Post-Graduation Program in Scenic Arts of the University of São Paulo and the Research Group "Territory of Indisciplinary Studies in Arts" - TEIA.

KEYWORDS: theater. Embodiment. Enaction. Ethical.

O diagnóstico do colapso social, ambiental e moral que atravessa a América Latina e outros países do mundo torna-se evidente frente à retomada de posicionamentos fascistas em segmentos da sociedade e ao avanço de uma política neoliberal, geradora de desigualdade social e avessa a políticas de sustentabilidade na gestão dos recursos naturais.

O clima político-social desastroso e a devastação ambiental é um alerta para que o ser humano assuma a responsabilidade diante da crise, de maneira a repensar ações sociais, políticas e econômicas ineficazes, transformando sua atuação no mundo, de forma a responder a gravidade do problema.

No campo das artes, analisar práticas artísticas que lancem novas luzes ao desgastado debate entre “Ética” e “Estética”, partindo de uma perspectiva ética que se diferencie de escolas de pensamento hegemônicas, pode vir a fornecer pistas sobre novas formas de atuação nas artes performativas. A indagação que movimenta a pesquisa tem o intuito de refletir sobre possíveis “práticas que mereceriam futuro”¹ diante do panorama que se apresenta.

Dessa forma, o artigo visa analisar abordagens presentes no “Teatro Danzante” de Elias Cohen, como um fazer ligado ao campo da ética, partindo da perspectiva apresentada pelo neurocientista Francisco Varela em diálogo com idéias de Samantha Frost e outros teóricos. O trabalho mostra que é a partir do entendimento de que a mente é encarnada² em um corpo e co-emergente na ação que podemos ter um olhar mais amplo sobre a poética desse artista, tomando-a dentro de uma perspectiva ética, na medida que este fazer assume um ponto de vista ecológico de saberes, sustentando um posicionamento “Enativo”³ em relação a vida.

Investigador nas áreas de dança, teatro e das ciências cognitivas, Elias Cohen tem realizado obras proeminentes no panorama das artes cênicas do Chile, bem como vêm contribuindo para a construção de novas epistemologias do pensamento sobre o corpo na América Latina. É encenador, coreógrafo e

¹Provocação levantada pela artista da dança RafiSahyoun durante uma aula realizada pela pesquisadora em São Paulo, que Rafi escutou de outro artista e que foi levada como questão para refletir dentro do GT Artes Performativas, Modos de Percepção e Práticas de Si durante a XI Reunião Científica da ABRACE.

²Na teoria do Embodiment, de Francisco Varela o termo incorporada refere-se ao fato de que a cognição depende dos tipos de experiência decorrentes de se ter um corpo com inúmeras capacidades sensório-motoras, e, que essas capacidades sensório-motoras individuais são embutidas num contexto biológico, psicológico e cultural. Ao utilizar o termo “ação”, enfatiza que os processos sensoriais e motores – a percepção e a ação – são inseparáveis na cognição vivida.

³Teoria enativa foi proposta por Francisco Varela como uma alternativa à perspectiva hegemônica de base representacional nas ciências cognitivas dos anos de 1960 e 1970. Concebe um sentido de representação co-emergente a partir da ação.

diretor artístico da Plataforma KIM – *Teatro Danzante*,⁴ que sustenta uma rede de contribuições e trocas artísticas com criadores da Bolívia, Brasil, Argentina, Chile, Coréia do Sul e Alemanha.

Formado em Biologia do Conhecimento, sob orientação do biólogo Humberto Maturana e responsável pela área “Ser Cuerpo” na Escola Francisco Varela (Chile), Elias Cohen é investigador das ciências cognitivas e neurociências aplicadas à pesquisa em dança e teatro. Seu pensamento sobre o corpo se alinha aos estudos levantados por esses cientistas cognitivos que se opõem a dualidade corpo-mente: divisão que assume a razão como fato apartado do corpo.

Contrapondo a perspectiva dominante nas ciências cognitivas, da mente baseada na metáfora do computador (Cognitivismo) em que o conhecimento se construiria a partir da manipulação de símbolos e representações de um mundo já dado a priori, Varela traz à luz o conceito de *Embodiment* ou conhecimento corporizado, segundo o qual, a mente emergiria “de uma reprodução imediata indissolúvelmente ligada a um corpo que é ativo, que se move e que enfrenta o mundo” (Varela, 2000). Dessa forma, explica Romano (2013, p.169):

Varela define a essência dessa análise, chamada embodied (ou vivida, incorporada, corporificada, segundo o termo criado por Haugeland que é citado por Clark), na afirmação de que unidades de conhecimento são antes de tudo concretas. Conhecimento não seria mais resumido por representação (no sentido de construções simbólicas da realidade a serem interpretadas), mas por ação corporificada. O conhecimento corporificado dependeria do tipo de experiência e do corpo, com suas capacidades sensório-motoras.

Para Cohen, o corpo é uma importante chave para integrar as várias inteligências e, assim como Varela, seu pensamento se baseia no conceito de um conhecimento corporizado, encarnado:

Quando nós habitamos nossos corpos plenamente, independentemente de nossa vocação na vida, somos capazes de integrar a totalidade de nossa inteligência, incorporando o emocional, o cinestésico, o conceitual, o imaginário. (...) Nosso corpo não é mera biologia, senão o lugar onde sucede a consciência. Somos seres encarnados e a medida que ampliamos os registros experienciais de nossa corporeidade podemos também expandi-lo em direção ao entendimento de tudo o que nos rodeia. (COHEN, 2019, p.8)

⁴Sobre KIM Teatro Danzante acessar: <http://kimteatrodanzante.org/es/>

Somente pela compreensão de um lugar comum entre a mente no campo das ciências, nas artes do corpo e a mente na experiência, vivida pela ação e encarnada em um corpo, é que podemos ter um entendimento mais amplo sobre a concepção de corpo no trabalho de Elias Cohen.

No site da Plataforma KIM Teatro Danzante, Cohen se refere à dança como “Movimento Primordial Organizado”, que seria a forma com que o corpo encarna o movimento que já se encontra na natureza. Em outros registros, comenta (Cohen, 2018):

Refletindo sobre o porquê nós seres humanos dançamos, a intuição me convida a perceber que a dança é o movimento primordial que sucede no universo e na biologia. O que é a dança desde uma escala universal e biológica? É o movimento primordial "organizado" que gera interações harmoniosas, coerentes e sensíveis para o desenvolvimento da criação e da diversidade através da sustentação do vivo.

É este conceito que vamos analisar agora como metáfora primeira a ser incorporada para melhor entendimento da poética deste diretor, dentro de uma perspectiva ligada à ética.

Na medida em que o artista assume para si os pressupostos de *embodiment* e enação, torna-se evidente, em seus escritos e sua prática, a importância que essa metáfora vem ganhando dentro do seu campo de atuação: A dança é tomada como o movimento primordial organizado que o ser vivo intui, corporaliza. A partir da incorporação dessa metáfora ao trabalho, o movimento torna-se chave de organização: de suas criações artísticas e também da sua forma de atuação no mundo. Este passa a ser um princípio operativo que agencia sua poética e sua prática.

Assim posto, que novos olhares pode trazer uma arte que elege o movimento enquanto o princípio operativo dentro de uma abordagem enativa?

Certezas cegas e a visão substancialista

“O movimento é a única maneira de os seres vivos modificarem o mundo.” Elias Cohen

Frost (2016), ao falar sobre a matéria, nos lembra que esta é, comprovadamente, energia sob forma de restrição:

O que sabemos ou experimentamos como matéria é energia cuja diferenciação produz formas altamente restritas de autocontrole. Essas formas altamente restritas de auto-relação energética são as condições para a geração de várias formas de extensão, densidade, resistência e dimensão, algumas das quais estão além da percepção humana, mas algumas das quais nós humanos experimentamos como pesadas, leves, evanescentes, sólido, fluido, arejado, opaco ou transparente. (Frost, 2016, p. 47)

Desse modo, até a matéria, tomada de forma recorrente como um conceito absolutamente concreto, possui movimento. A autora explica que apesar de muitos avanços na física e na química que demonstram as qualidades energéticas da matéria, ainda é predominante uma visão substancialista sobre esta. Assim, a matéria é vista como uma substância que possui extensão, densidade e duração. Sendo composto de pequenos fragmentos ou partículas que se solidificam e se organizam, criando substâncias e os objetos sólidos que experimentamos em nossas vidas cotidianas. Frost (2016) explica que essa tendência a uma via de pensamento substancialista traz consequências epistemológicas na nossa forma de pensar:

Naturalmente, também ouvimos falar de elétrons, prótons e nêutrons, com suas cargas elétricas e partes componentes subatômicas e quânticas que podem eventualmente revelar segredos sobre a origem do universo. No entanto, como é difícil pensar em energia como substância ou material, tendemos a ignorar essas descobertas e gravitamos em torno do nosso jargão teórico comum em direção à ontologia da substância: apenas faz mais sentido e é mais fácil entender o esforço, o peso, pressão e resistência que pedras mãos e maçãs exercem quando as pegamos. (Frost, 2016, p. 47)

De acordo com a autora, pensar sobre a matéria, em termos de energia sobre restrição seria um desafio fascinante, não apenas para as idéias com as quais frequentemente trabalhamos, mas também para a experiência de nós mesmos no mundo (Frost, 2016): “Desconcertar-nos ao perceber e rastrear a vibração da matéria poderia nos permitir ver o mundo e o nosso lugar nele de maneira diferente.”

No primeiro capítulo do livro *“A Árvore do Conhecimento - As Bases Biológicas da Compreensão Humana”*, Maturana e Varela (2010) nos lembram que a solidez do nosso mundo experiencial é aparente e ilusória:

Tendemos a viver num mundo de certezas, de solidez perceptiva não contestada, em que nossas convicções provam que as coisas são somente como as vemos e não existe alternativa para aquilo que nos parece certo. Essa é a nossa situação cotidiana, nossa condição cultural, nosso modo habitual de ser humanos. (...) toda experiência

cognitiva inclui aquele que conhece de um modo pessoal, enraizado em sua estrutura biológica, motivo pelo qual toda experiência de certeza é um fenômeno individual cego em relação ao ato cognitivo do outro, numa solidão (que como veremos) só é transcendida no mundo que criamos junto com ele. (Maturana e Varela, 2010, p. 22)

Logo vai ficando mais claro as consequências éticas que uma visão substancialista sobre a experiência de estarmos vivos pode acarretar, assim como a importância de não tomar como “substância” medidas que seriam da ordem das emergências, conforme reforça Varela (1991, p. 27):

Assim, cada vez que esbarramos com regularidades como as leis ou os papéis sociais e lhes atribuímos uma origem externa, cometemos o mesmo erro de atribuir uma identidade substancial a qualquer propriedade emergente em vez de concebê-las como propriedades emergentes de um complexo processo distribuído, mediado pelas interações das pessoas.

Se a cognição, como aponta Varela, é formada a partir da nossa experiência incorporada, ou se, “os mesmos mecanismos neurais e cognitivos que nos permitem perceber e mover são os que criam nossos sistemas conceituais e modos da razão” como reforça Greiner (2008) que natureza cognitiva toma forma ao incorporarmos essas práticas agenciadas pelo movimento?

A medida que o diretor incorpora o movimento como cognição corporizada, toma o pensamento como algo que não parte de um mundo pré-dado, mas que se co-cria na interdependência com o meio e caminha em transformação. Um pensamento que se sabe dinâmico, expandido e em relação, se contrapondo a uma ontologia das substâncias. Ao incorporar o chamado “movimento primordial organizado” em seu trabalho, Cohen elabora um conjunto de práticas artísticas e experienciais que transpõem a divisão substancialista da relação que geralmente assumimos com o meio, práticas que atuam diretamente nessa interação e que modifica a estrutura do ser atuante e o ambiente. Passo então a citá-las.

Trocando o Dentro-Fora por Parte-Todo

Ao falar sobre a organização autopoietica como característica que define um ser vivo, Maturana e Varela citam, como exemplo, as transformações químicas que sucedem na formação da estrutura da membrana durante o

metabolismo celular. E lembra-nos que, este processo produz componentes que integram a própria rede de transformações que os produzem:

Por um lado, é possível perceber uma rede de transformações dinâmicas, que produz seus próprios componentes e é a condição de uma possibilidade de uma fronteira; de outra parte vemos uma fronteira, que é a condição de possibilidade para a operação da rede de transformações que a produziu como uma unidade (...) é importante notar que não se trata de processos sequenciais, mas sim dois aspectos de um fenômeno unitário. (Maturana e Varela, 2010, p. 54)

Ao refletir sobre esse mesmo processo, Frost (2016) questiona que tipo de limite seria esse o da membrana. Expõe que o que torna esta pergunta interessante é que tendemos a pensar o limite que distingue um lado do outro em termos de substância. Propõe que pensemos nos limites impostos pela composição das membranas celulares como condições criadoras de atividades distintas, ao invés de as tomarmos como algum tipo de demarcação topográfica de substâncias, auxiliando assim a pensar outra forma mais “porosa” de relação entre as criaturas e seus habitats:

A permeabilidade de uma membrana celular facilita um influxo e efluxo constantes e contínuos de produtos químicos para dentro e para fora de uma célula, o que permite que um tipo distinto e específico de atividade celular ocorra. Neste caso, o "interior" e o "exterior", estabelecidos pelas membranas celulares, não marcam substâncias diferentes, mas diferentes zonas de atividade. Este capítulo propõe que esta formulação teórica nos permite começar a imaginar como as criaturas podem ser incorporadas e constituídas por seus arredores ou habitats, mas também identificáveis distintamente delas. (Frost, 2016, p. 68)

A plataforma artística KIM Teatro Danzante realiza com certa frequência retiros em meio a estâncias naturais: como na própria região onde se encontrava a sede em Olmué ou nas proximidades de Valparaíso (ambas no Chile); em Coroico e na Isla Del Sol (na Bolívia, onde antes também havia uma antiga sede); entre outros. A prática em espaços abertos junto a natureza é característica recorrente nos treinamentos e retiros organizados pelo artista. No material de divulgação do último retiro realizado pelo KIM Teatro Danzante em Olmué, Chile, lemos a seguinte descrição:

Corpo Selvagem – Mente Desperta: Recorrendo a Natureza do Ator Danzante: Retiro experimental e reflexivo para atores físicos, bailarinos e pessoas ligadas às artes do espetáculo que desejam gerar um estudo aprofundado sobre a arte corporal do “Movimento” e

a escuta profunda do Intérprete em espaços abertos e em contato com a natureza.

Wild BodyMind é um conjunto de práticas organizadas em mais de 20 anos de estudo do diretor. Cohen define “selvagem” como sendo algo “fiel ao instinto natural e espontâneo de ser”. Termo que se contrapõe a “domesticado”. “Domesticação” é definido pelo diretor como “introdução de condutas afastadas de nossa natureza intrínseca”, dessa forma, aponta a importância dessa conexão com o selvagem e do uso da adaptabilidade que nos é própria para habitarmos de forma criativa os ecossistemas dos quais somos parte (Cohen, 2019):

Reconectar-se ao nosso instinto "selvagem" e a corporalidade é dar a nós mesmos a possibilidade de deixar nosso lado "domesticado" e poder reconectar-nos às nossas forças mais vitais e naturais. Mover-se, brincar, correr riscos e ouvir atentamente a natureza pode nos ensinar muito sobre nossa natureza interior. Nosso cérebro e corpo são projetados para a sobrevivência e é graças ao princípio de observação e adaptabilidade que os humanos foram capazes de evoluir. Quanto mais desafios de adaptabilidade, mais nossos cérebros e corpos aprendem novas maneiras de ser e de existir nos ecossistemas dos quais fazemos parte. Infelizmente, hoje os seres humanos são "domesticados", estamos procurando apenas segurança, conforto e imediatismo. Nossos corpos e mentes raramente são expostos a atividades de adaptação e observação e nossa criatividade psicofísica se limita aos espaços convencionais.

A partir desse entendimento, afirmo que as práticas do treinamento Wild BodyMind buscam novas relações “de fronteira” nos sítios em que se realizam, promovendo uma forma específica de integração “Mente - Corpo - Ambiente”. Essas práticas, quando vivenciadas, mostram que nossa atuação com o meio que nos cerca são parte de um mesmo fenômeno.

Estamos em uma altitude considerável no morro dentro do Parque Nacional La Campana, em Olmué, no Chile. Um grupo de mais ou menos 30 pessoas, participantes do último retiro realizado nesta estância pelo KIM Teatro Danzante, conduzido pelo diretor chileno Elias Cohen. O exercício proposto tinha uma instrução inicial simples: Mesmo com a inclinação do solo, devíamos nos colocar deitados no morro com a cabeça direcionada ao cume. Afastar os pés do solo, sentir o sangue e os fluidos se deslocarem para a parte superior do corpo, levando os pés em direção a cabeça e a partir daí, deixar que o corpo se desloque, em rolamento, até o cume do morro. A tarefa era simples, mas provocava medo devido a altura em que nos encontrávamos e aos possíveis obstáculos pelo caminho. A segunda camada de orientação trouxe novas pistas para a atividade que modificou minha relação com esta: “No momento da descida, se conectar com a natureza. Ver e agir, mais do que como ser humano, como um organismo vivo”, “Acessar esse corpo não domesticado, sem predeterminações, sem amarras, vivendo sua inteligência

primordial do aqui e agora”. Com medo, iniciei o rolamento conforme as instruções. E qual não foi a minha surpresa ao constatar, na chegada, que não havia me machucado. Apesar da altura, da inclinação, das árvores e pedras encontradas no caminho, nenhum ferimento. Durante a descida, oscilava entre a consciência de mim e momentos em que apenas tentava me entender enquanto mais um organismo vivo naquele ambiente. Os momentos de medo eram experienciados pela consciência de mim. (Relato da atriz e pesquisadora sobre atividade realizada durante o retiro em Olmué. (Chile) - Abril de 2019)

Sob a ótica enativa, não se toma o ser como estando no seu ambiente, mas sim a pessoa e o ambiente são vistos como partes de um todo mutuamente construídos e especificados por esta interação. Conforme informa Bredo (1994):

“(...) a relação dentro/fora entre o indivíduo e o ambiente é substituída por uma relação de parte/todo. Tal mudança de ponto de vista se torna mais plausível por se considerar o indivíduo e o ambiente em termos de suas contribuições para uma atividade ao invés de coisas descritas separadamente. Visto de forma ativa, a adaptação da pessoa ao ambiente envolve modificações mútuas e dinâmicas e não pareamentos estáticos.” (BREDO, 1994, p. 4, apud FARIAS, FELTES E MACEDO, 2008, p. 23)

Em relação a atividade proposta por Elias Cohen durante o retiro em Olmué, interessa a reflexão sobre a segunda instrução dada. Uma mudança perceptual, trasladando da consciência do sujeito à percepção de si como parte de um todo, teria provocado modificações nas habilidades sensório-motoras para a realização da atividade? Teria a segunda instrução mudado algo na pré-disposição da atriz? Será que sem esta segunda instrução a atividade seria realizada do mesmo modo, sem se machucar? E o que tudo isso se aproxima a abordagem ética de Varela?

Em *Biocultural Creatures*, Frost nos convida a pensar se uma nova conceitualização do homem, poderia trazer mudanças na forma como nos vemos e como nos relacionamos com o mundo e justifica a escolha por abordar esse reconfiguração da imagem do humano a partir do estudo das ciências da vida:

O que precisamos no lugar da fantasia do excepcionalismo humano é uma figura diferente do humano, que não sucumbe aos conceitos antigos, mas também não conceitualmente dissolve os seres humanos como agentes identificáveis e, portanto, os absolve das crises que marcam o antropoceno. O contra-conceito do humano que está implícito nas críticas delineadas acima é de uma criatura que é um animal encarnado e pensativo, bem como um aficionado

tecnológico, uma criatura embutida e composta pelos contextos sociais e materiais de sua natureza e existência, um agente cujas ações são dependentes e condicionadas por múltiplas redes de relações ecológicas, institucionais, sociais e simbólicas. (...) Volto-me para as ciências da vida para esboçar a base dessa reconfiguração, em parte porque muito do que impulsionou o antigo projeto do humano foi uma revolta contra a incorporação, contra a animalidade, o organismo, a materialidade da existência da criatura humana. (Frost, 2016, p.16)

Dessa forma, ativar uma nova definição do que seria a criatura humana, isto é, apostar enquanto estratégia, na construção de novas imagens, menos centradas em si, assim como, incorporarmos práticas que reformulem o bicho-humano-orgânico *in situ*, contribui para que novas formas de agenciamentos possam emergir.

Ao escrever o prefácio de “A Árvore do Conhecimento” (2010, p. 8) Humberto Mariotti fala das consequências éticas, da validação de uma teoria que separa o homem do mundo, da valoração a um pensamento extrativista e predatório, do mundo e da natureza como algo que não é “eu” e, portanto, passível de ser pensado como objeto. Criar estratégias de uma nova reconfiguração da relação corpo-mente-ambiente se mostra cada vez mais urgente.

Em “Ética y acción: conferencias italianas dictadas en la Universidad de Bolonia 16-18 de diciembre, 1991” o neurocientista Francisco Varela propõe uma perspectiva sobre a ética a partir de contribuições de três tradições de sabedoria oriental (Confucionismo, Taoísmo e Budismo) contrastando-a com a postura frente ao comportamento ético que inicia investigando o conteúdo intencional e, deste modo, se centra na racionalidade dos juízos morais. Nesta perspectiva, afastada de grande parte da filosofia moral contemporânea, Varela traz a abordagem de que a ética seria mais próxima da sabedoria que da razão, se aproximando mais ao conhecimento do que é ser bom, do que a um julgamento correto em uma situação determinada:

Grande parte da filosofia moral contemporânea, sobretudo, mas não somente no mundo anglo falante, tem enfocado a moral de uma forma tão estreita que algumas das conexões vitais que quero estabelecer resultam incompreensíveis nesses termos. Esta filosofia moral tem centrado sua atenção no que é correto fazer mais no que é bom ser, em definir o conteúdo da obrigação mais que a natureza de uma boa vida. (Varela, 1991, p.3)

A partir de exemplos de condutas cotidianas, Varela descreve ações que considera éticas e não necessariamente se efetivam a partir de um juízo racional, isto é, se articulam a partir de uma resposta imediata ao ambiente. A Varela interessa pensar mais no que forma o “*Know how*” ético, do que se acercar do conhecimento intencional “*Know what*” da ética.

Está claro que um aspecto de nossa conduta moral e ética provém de juízos e de justificativas da índole. O que coloco é que não podemos e não devemos deixar de lado a primeira e mais frequente forma de conduta ética como se se tratasse de um ato meramente “reflexo”. Por que não começar com aquilo que é mais frequente e ver onde nos leva? O que desejo é subtrair a diferença entre saber como (know how) e saber o quê (know what), a diferença entre a habilidade ou resposta espontânea (savoir faire) e o conhecimento intencional ou juízo racional. (Varela, 1991, p. 4)

Desta forma, Varela (1995) afirma que uma ação ética seria aquela onde estão presentes ou incorporados princípios, isto é, direcionamentos compartilhados socialmente para as condutas de uma tradição cultural. Por exemplo, se conclui-se em sociedade que o hábito de matar conduz a desagregação desta comunidade, então, este modelo de conduta e a habilidade em aplicá-la passa a integrar o processo circular de aprendizagem desta cultura, até que não seja necessário mais ponderar sobre este direcionamento. Desta forma, a incorporação de um princípio ético também necessita ultrapassar a tendência das pessoas a se tomarem como partes independentes numa rede de convívio e os membros desta sociedade se tornam “peritos” éticos por compartilharem de certos princípios e não mais precisar ponderá-los ao agir. Assim, “As formas de conduta de uma tradição tornam-se assim, “transparentes” à medida que se desenrola o crescimento na sociedade.” (Varela, 1995). Adquirimos essas condutas da mesma forma que adquirimos outros hábitos. Como nos aponta Silva (2019), acerca da perspectiva ética de Varela:

Não há uma contradição “real” e última entre o deliberado e a ação incorporada (imediata), há sim, um caminho onde se adquire suficiente destreza para ultrapassar as limitações do comportamento responsivo, que segue regras e referenciais externos. Trata-se dentro da tradição budista do cultivo de uma ação ética. Ética que implica no sentido da construção de uma destreza para a ação dentro de um domínio (dando-se conta da variabilidade das situações experimentadas) de um “aprendizado”; e em um “desaprendizado”, no sentido da superação de um condicionamento habitual (automatismo), que normalmente limita a experiência de mundo às

relações entre sujeitos e objetos independentes e desconectados. (Silva, 2019, p. 60)

Para Varela, torna-se importante a superação de um automatismo nas condutas comportamentais para uma atitude ética. Ainda em Silva (2019, p.61):

Se quisermos pensar nossa relação com o meio-ambiente não precisamos ao mesmo tempo aprender novos modos de nos organizar e pensar o consumo; e desaprender nossos hábitos de desperdício e indiferença ao mundo que nos sustenta? Varela (1995) trata esta questão como um “aparente paradoxo da não-ação na ação”, uma vez que em termos de competência, o sujeito torna-se a própria ação não-dual. A experiência considerada a partir da “não-dualidade” não está apoiada na existência de existências independentes, mas naquilo que para o budismo refere-se à “vacuidade” dos fenômenos e identidades. O termo “vacuidade” refere-se não a um vazio de substância ou de forma, mas de um vazio de existência inerente e independente. Tanto a ação deliberada quanto a ação imediata só existem uma em relação à outra.

Durante os retiros organizados pelo KIM Teatro Danzante também são integradas práticas meditativas e princípios da não-ação, o Wu Wei, Taoísta. O Sentido de vacuidade ou ação-não dual (que seria a verdadeira ação ética para Varela) se torna presente nas práticas e nas instruções de alguns exercícios conduzidos pelo encenador, assim como uma busca por um estado de presença “enactuado” a partir das práticas meditativas e de observação de si, dos estudos do movimento e ações propostas em espaço aberto.

Quando se é a ação, não permanece resíduo algum de auto-consciência para observar a ação a partir do exterior. Quando a ação não dual é bem realizada e avança regularmente, o ato experimenta-se como fundado no que não se move e está em repouso. Esquecer-se de si mesmo e tornar-se completamente alguma coisa é também dar-se conta da própria vacuidade, ou seja, da falta de um sólido ponto de referência. (VARELA, 1995, p. 42)

Como aparece no material de divulgação do retiro, “Ser o Movimento” para Cohen, parece relacionar-se com o princípio de vacuidade, incorporar o movimento assim como ele acontece, sem intencionalidade (Cohen, 2019):

Quando nos referimos à Arte Corporal do Movimento, nos referimos ao Movimento como a manifestação primária e dinâmica dos vivos. Embora seja óbvio que o corpo se move, sabemos que nossos movimentos são condicionados por uma série de eventos (cultura, biografia, sistema de crenças etc.). Queremos explorar o Movimento além de uma técnica específica. Aprender a “Ser o Movimento” é uma arte em si e queremos compartilhar nesse curso várias abordagens práticas e filosóficas a esse respeito.

Para Varela, a característica mais importante que diferencia o verdadeiro e genuíno comportamento ético, seria o fato de que ele não nasceria de modelos habituais de regras. Pessoas verdadeiramente virtuosas (competentes em ética) agem partindo de inclinações alargadas e não de regras aceitas, superando o fato evidente que as respostas criadas dentro de um hábito não são suficientes para dar conta da infinita variedade de circunstâncias que poderíamos enfrentar.

Vale ressaltar que o próprio posicionamento enativo assumindo o mundo com algo que não é pré-dado, também incita a uma postura mais ativa do ser humano em co-criação com o mundo, portanto uma postura ética por si. Conforme cita Cohen (2019, p.7):

O termo “enativo” em conjunto com o “filosófico” nos torna todos responsáveis e participantes por aquilo que vivemos e refletimos. Somos co-criadores das realidades emergentes nas quais vivemos, interagimos. É uma atitude ativa (uma dança de coordenações) que nos convida à reflexão permanente (filosofia) em um mundo que não está pré-estabelecido aí a fora, mas sim, é um mundo "enactuado" do qual todo ser humano é participante ativo e criador de realidades.

A minha abordagem ao aproximar a prática de Elias Cohen ao campo da ética, sob a perspectiva de Varela, buscou evidenciar o fato de que, mais do que trazer um discurso sobre a ética, as práticas vivenciadas junto ao KIM Teatro Danzante, incorporam princípios éticos descritos pelo neurocientista, tais como: conduta espontânea e vacuidade; a não-separação “mente-corpo-ambiente”; desestabilização da certeza de um “Eu” unificado e separado do meio; ação não-dual; desestabilização de certezas (usando o movimento como princípio de operação). Essas práticas contribuem para alargar as inclinações para uma atitude ética espontânea, segundo a perspectiva tomada por Varela, contribuindo para a construção de um “*know how*” ético junto aos artistas e estudantes do movimento que vem participando nos últimos anos das práticas organizadas pelo KIM Teatro Danzante.

Referências

COHEN, Elias. **KIM teatro danzante**. Google. Disponível em: <http://kimteatrodanzante.org/escuela-retiros>. Acesso em: 22 jun. 2018.

COHEN, Elias. DANZA Y FILOSOFÍA ENACTIVA PARA LA NUEVA EDUCACIÓN. **Reflexiones sobre la investigación y sus bases**. Google.

Disponível em: <http://www.escuelafranciscovarela.cl/wp/wp-content/uploads/2017/08/EI%C3%ADas-Cohen-Danza-y-filosof%C3%ADa-enactiva-para-la-nueva-educaci%C3%B3n.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019.

FROST, S. **Biocultural creatures**: toward a new theory of human. Durham: Duke University Press, 2016.

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2008. 150p.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARIAS, Emília Maria Peixoto (Org.). **Cognição e linguística**: explorando territórios, mapeamentos e percursos. Caxias do Sul, RS: Educus; Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2010.

ROMANO, Lúcia. **O teatro do corpo manifesto**: teatro-físico. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SILVA, Fabio Hebert da. **Ética**: cultivo da ação não centrada. Google. Disponível em: https://app.uff.br/slab/uploads/2008_d_FabioHebert.pdf. Acesso em: 28 dez. 2019.

VARELA, Francisco. **Quattro pilastri per il futuro della scienza cognitiva**. Publicado por Pluriverso, 2, 2000.

VARELA, Francisco. **Ética y acción**: conferencias italianas dictadas em la Universidad de Bolonia. 16-18 de diciembre, 1991.

VARELA, Francisco. **Sobre a competência ética**. (A. Morão, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1992)

VARELA, Francisco. **The embodied mind**: cognitive science and human experience. Francisco J. Varela, Evan Thompson, Eleanor Rosch. Massachusetts: MIT Press, 1993.